

Televisão e sociabilidade em cenas de migração

Denise Jardim; Nara Magalhães; Pilar Uriarte; Daniel Etcheverry

Resumo

Este artigo evidencia um dos debates que têm se desenvolvido no âmbito de um grupo de pesquisadores antropólogos que se detêm no fenômeno migratório contemporâneo, em momentos diversos de formação e espaços de trabalho de campo. Refletimos aqui sobre a transversalidade da mídia em distintos campos etnográficos, levantando uma hipótese sobre a importância da televisão como recurso de socialização inicial, nos países de destino, acionada pelos imigrantes como forma de obter pistas da cultura local. Este debate tem nos preocupado já há algum tempo, a partir da reflexão sobre a invisibilidade da televisão no trabalho de campo antropológico. Os pesquisadores aqui reunidos discorrem sobre a intensa circulação de reflexões, representações e bens simbólicos que, através da prática de assistir individual ou coletivamente a programação de TVs, nos permite pensar sua presença e interatividade com nossos diversos campos de pesquisa.

Palavras-chave: Televisão, Mídia, Migrações, Trabalho de campo, Etnografia de audiência

Resumen - Televisión y sociabilidad en escenas de migración

Este artículo pone de relieve uno de los debates desarrollado por un grupo de antropólogos que investigan el fenómeno de la migración contemporánea, en diferentes momentos y espacios del trabajo de campo. Se reflexiona sobre la transversalidad de los medios de comunicación en los diferentes campos de la etnografía, lo que plantea la hipótesis acerca de la importancia de la televisión como fuente importante de socialización temprana en los países de destino; ésta es aprovechada por los migrantes como una forma de obtener conocimientos iniciales de la cultura local. Hemos estado preocupados desde hace algún tiempo por esta problemática, al reflexionar sobre la ausencia de

visibilidad de la televisión en el trabajo de campo antropológico. Aquí se habla de la intensa circulación de ideas, de representaciones y de bienes simbólicos que, mediante la práctica individual o de forma colectiva, se ponen en práctica para ver la programación televisiva, lo que nos permite repensar su presencia y la interacción con nuestros distintos campos de investigación.

Palabras clave: Televisión, Medios de comunicación, Migración, Trabajo de campo, Etnografía, Audiencias en diáspora

Abstract – Television and Sociability in Migration Scenarios

This article highlights one of the debates developed by a group of anthropologists that focus their field research on contemporary migrations in different times and spaces. It reflects on the transversality of the media in different ethnographic fields, which gives rise to the hypothesis that television is an important source of early socialization in the countries of destination, and how immigrants use it as a means of gaining initial knowledge of the local culture. We have been concerned with this topic for some time now, in noting the invisibility of television in the anthropological field work. We ponder on the intense circulation of ideas, representations and symbolic goods that, take place through the individual or collective practice that is involved in watching television, which in turn allows us to consider its presence and interaction with our different research fields.

Key words: Media, Field Work, Television, Migration, Diasporic Audiences

Os autores, brasileiros, são pesquisadores do Núcleo de Antropologia e Cidadania (NACI), do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS).¹

Denise Jardim é Profa. do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS. Realizou tese de doutorado no Museu Nacional, UFRJ, e sua pesquisa é centrada na experiência imigratória de refugiados palestinos na América Latina e os aspectos culturais da diáspora palestina.

Nara Magalhães concluiu sua tese de doutorado no PPGAS/UFSC, a qual é centrada em análises sobre televisão e cultura brasileira. Atualmente é Pesquisadora Associada do NACI, onde realizou Estágio Pós-Doutoral.

Pilar Uriarte e **Daniel Etcheverry** concluíram seus cursos de mestrado e atualmente são doutorandos no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRGS, pesquisando sobre migrações contemporâneas, com trabalho de campo internacional, em Ghana e no Uruguai.

1. Referimo-nos aqui tanto ao grupo de autores, os quais têm se proposto o desafio de encontrar questões comuns em distintos trabalhos de campo, como à experiência que envolve vários outros parceiros de debates, em distintas temáticas de estudo, no âmbito do NACI, já referido. Agradecemos a todos os colegas e amigos, que tantas trocas têm nos proporcionado.

Este é um artigo coletivo, que expressa um dos debates que têm se desenvolvido no âmbito de um grupo de pesquisadores antropólogos com distintos níveis de formação em momentos diversos de formação e espaços de trabalho de campo.² Refletimos aqui sobre a transversalidade da mídia em distintos campos etnográficos, levantando uma hipótese sobre a importância da televisão como recurso de socialização inicial, nos países de destino, acionada pelos imigrantes como forma de obter pistas da cultura local. Este debate tem nos preocupado já há algum tempo, a partir da reflexão sobre a invisibilidade da televisão no trabalho de campo antropológico.³ Temos nos debruçado sobre esta questão em vários momentos: em debates num grupo de estudos que criamos para esta finalidade, chamado Mídia e Cidadania, em desdobramentos dessa reflexão que motivaram a organização de Grupos de Trabalho na Reunião de Antropologia do MERCOSUL, e em Reuniões da Associação Brasileira de Antropologia, entre outros.

Os pesquisadores estavam previamente familiarizados com os debates sobre recepção, que conseguiram demonstrar de modo convincente a não homogeneidade de interpretações por parte dos diversos públicos, e reafirmaram a coerência antropológica de procurar conhecer e respeitar as releituras realizadas pelo *outro*.⁴ Mas parece que a reflexão sobre o significado dos meios na cultura cotidiana permanecia numa zona confortável de poder ser deixada a cargo de “especialistas em comunicação”, sem precisar ser abordada por especialistas em outras temáticas.

Inicialmente considerado um debate acessório, ou próprio de outros especialistas, o significado da televisão e das práticas cotidianas em torno da mesma não ganhavam importância para os pesquisadores durante suas observações de campo, apesar desses significados e práticas estarem sempre presentes e sendo acionados por diversos interlocutores de antropólogos em distintos campos etnográficos.

A partir dessas reflexões conjuntas, os pesquisadores sentiram-se motivados a repensar sobre a intensa circulação de representações e bens simbólicos que, através das práticas em torno dos meios de comunicação na sociedade contemporânea –com destaque para a televisão– permite repensar não só sua presença e interatividade em nossos diversos campos

2. Referimo-nos aqui tanto ao grupo de autores, os quais têm se proposto o desafio de encontrar questões comuns em distintos trabalhos de campo, como à experiência que envolve vários outros parceiros de debates, em distintas temáticas de estudo, no âmbito do NACI, já referido. Agradecemos a todos os colegas e amigos, que tantas trocas têm nos proporcionado.

3. A reflexão resultou do debate com Nara Magalhães, e dos intercâmbios entre pesquisadores do NACI, que possibilitaram esse profícuo diálogo.

4. Como foi o caso dos estudos de Leal (1986), Miceli (1979), Ortiz ... (Borelli) Ramos (1993 artigo coletânea Claudia)

de pesquisa, mas as implicações desse reconhecimento, que podem nos convidar a repensar até mesmo as concepções de cultura com as quais nós antropólogos temos trabalhado.

Nosso objetivo aqui é ampliar esse debate e para tanto, reunimos as diversas vozes que participaram dessa reflexão em um esforço conjunto: na parte inicial do artigo, apresentamos algumas perspectivas que servem como suporte e ponto de partida. A seguir, alguns dos pesquisadores do núcleo discorrem sobre a TV em suas etnografias em países como Brasil, Ghana, e Uruguai, entre outros. Para tanto, propusemos que destacassem trechos de seus diários de campo, inclusive alguns revisitados, para recuperar em detalhe o que seria a presença da televisão.

Novas proposições

para contemplar a presença das mídias no campo etnográfico

Propomos aqui um diálogo que realiza um cruzamento entre distintos campos etnográficos, de modo a um desafiar o outro, e possibilitar o aparecimento de questões que de outro modo não apareceriam.⁵ Ao cruzar pesquisas e campos etnográficos sobre mídias e migrações, apareceram práticas de sujeitos pesquisadores que, tendo saído de seus locais de origem para outros países, buscavam recursos nos locais de chegada para ampliar seus repertórios de comunicação. Entre esses recursos, estavam os meios de comunicação locais, que em suas programações apresentam e representam linguagens, valores, modos de vida, enfim, formas culturais, passíveis de apropriação e reinterpretações.

Supomos que, mais do que recursos para acionar representações mais ou menos estereotipadas das pessoas que se busca conhecer (e fazer amizade, estabelecer laços, enfim, com as quais se busca o entrosamento), os meios podem representar uma fonte inicial de compartilhamento de significados, através dos quais se pode chegar a outros. Não somente em seus conteúdos, devido a estas e outras problematizações já analisadas exaustivamente pelos estudiosos da comunicação ao longo desse pouco mais de meio século de seu surgimento.⁶

5. Ver a respeito, Jardim e Magalhães (2009) e Salaini e Magalhães (2009).

6. As pesquisas em comunicação social se fizeram nesse período em diversas perspectivas. É o que aponta por exemplo, Lopes (1998), referindo-se às correntes teóricas principais: pesquisas dos efeitos; pesquisas dos usos e gratificações; estudos literários; estudos culturais, e análise da recepção. E a autora considera que os estudos de recepção assumiriam hoje o caráter de uma etnografia das audiências. (Lopes, 1998, p. 109 - 111). Ver também Jacks e Escosteguy (2005), que se referem às mesmas cinco tradições, porém diferenciando “estudos de recepção” e “etnografia das audiências” (pág. 39 a 41).

O compartilhamento a que nos referimos pode dizer respeito aos significados conferidos, ao estar junto –ouvindo uma música, lendo os vários cadernos do jornal dominical, assistindo um telejornal ou uma telenovela, teclando no *msn* ou acessando o orkut–, nos vários *usos* que se faz dos meios no dia a dia.

Esse ato de compartilhar pode dizer respeito também ao repertório de significados que se lapida através do comentário e da negociação de opiniões enquanto se aciona os meios. Por exemplo, podemos nos posicionar a favor ou contra um determinado tema controverso, a favor ou contra um candidato que aparece em campanha política mais ou menos explícita; podemos descobrir repertórios morais mais ou menos compartilhados nas relações pessoais, amorosas e afetivas; podemos checar o que se espera das posturas de amigos, namorados, homens e mulheres, pais e filhos, mais velhos e mais jovens. Tudo isso, sem necessariamente entrarmos em confronto, ou em debate direto, mas sim construindo com jocosidade e concordâncias mais ou menos efêmeras, as interpretações do que vemos, lemos ou escutamos nos meios e através de seus personagens.

É esse enfoque que buscamos compartilhar aqui. Ele busca responder alguns questionamentos sobre o lugar dos meios na cultura contemporânea e a invisibilidade que parece atravessar vários trabalhos de campo antropológicos. Quando se vai às casas das pessoas, ou a um barzinho, cantina da universidade, restaurante, danceteria, a televisão está lá, do Oiapoque ao Chuí. E quando vamos fazer trabalhos de campo, observações, entrevistas, onde ela está? Buscamos aqui perceber-nos como pesquisadores e telespectadores que compartilham ou não um repertório com as pessoas com as quais estamos tentando construir um diálogo em campo.

Magalhães (2008), a partir de uma pesquisa de etnografia de audiência realizada com pessoas pertencentes a camadas médias de uma cidade de médio porte do interior do Rio Grande do Sul, se pergunta até que ponto a prática de ver TV é deslegitimada socialmente e, por este motivo, nem sempre é contemplada nas práticas e gestos significativos do cotidiano, considerados como parte da cultura. E complementa: num contexto de diversidade e pluralidade cultural, que conceito(s) de cultura que está (ão) servindo de base para a discussão antropológica sobre as significações da comunicação de massas –sua produção, processo, mensagens e reelaborações?

Nos debates do NACI, esse questionamento é aprofundado e passamos a nos perguntar sobre os motivos dos meios se tornarem invisíveis nos relatos oficiais de trabalhos de campo: será que a televisão está ligada, mas não aparece no texto escrito? Ou ela é desligada para a realização das entrevistas? Ou ela serve de mediadora para abordagem de algum assunto mais delicado? No caso de admitirmos certa invisibilidade, que concepções de cultura a embasam? Se entre as (in)definições antropológicas de cultura(s)⁷ há espaço para noções como gestos e fazeres cotidianos, e significações construídas coletivamente sobre eles, qual o lugar da televisão nesses fazeres cotidianos, e nessas definições? Que concepções de cultura(s) estão servindo de base ao debate sobre a “falta de cultura” no Brasil, quando se discute televisão?

Em trabalho anterior, Jardim e Magalhães (2007) detêm-se em refletir sobre a possível invisibilidade da televisão no trabalho de campo antropológico. Revisitando seu diário de campo a partir dessa motivação, Denise encontra muitas referências de seus entrevistados no Chuí a respeito dos meios de comunicação, inclusive o uso de antenas parabólicas para ter acesso a canais da terra de origem e manter viva as tradições de língua e costumes através desse contato estimulado diariamente. Encontra também a idéia de “perigo árabe” a partir dos atentados de 11 de setembro de 2001, repercutindo nesse extremo Sul do Brasil. Nara retoma uma experiência de estar em campo quando ocorreu o atentado, e ressalta as várias significações que o mesmo recebeu de distintos públicos, seja no interior do Rio Grande do Sul, seja em Santa Catarina, seja numa edição especial da revista *Veja* naquele período. Todas as versões contrariavam a abordagem da Rede Globo de televisão, e evidenciavam um “não-alinhamento” com os norte-americanos.⁸

Também na Reunião de Antropologia do Mercosul realizada em Porto Alegre em julho de 2007, o debate⁹ enfatizara que os meios de comunicação e a televisão não estavam recebendo uma centralidade no debate neste início de Século XXI, e que poderiam ser valiosas portas de acesso aos valores nativos.

7. Em diferentes obras do campo, há referências constantes aos grandes debates em torno das imprecisões do conceito, a ponto de alguns proporem até mesmo abandoná-lo. Encontramos distintas nuances deste debate em Adam Kuper (2002); Geertz (1999) e Sahlin (1997), entre outros.

8. Esta reflexão está melhor desenvolvida no texto referido: Jardim, D. e Magalhães, N. “Imigração palestina e televisão: perigos e invisibilidades no trabalho antropológico”, que foi apresentado à ANPOCS em 2007, no Seminário Temático “Imigração como perigo: velhas questões, novos desafios”, coordenado por Oswaldo M. S. Truzzi (UFSCar) e Rossana R. Reis (USP).

9. Referimo-nos aqui aos debates realizados no GT “Antropólogos e as interpretações de interpretações da mídia”, coordenado por Nara Magalhães e Sergio Caggiano, durante a VII Reunião de Antropologia do MERCOSUL Realizada em Porto Alegre, julho de 2007.

A partir dessas reflexões, tivemos a motivação de tentar perceber a presença da televisão em outros contextos mundiais, e as possíveis ressignificações que recebem suas abordagens sobre temas que nos afetam mais diretamente, perguntando-nos sobre a possível invisibilidade promovida pelo silêncio na descrição das práticas das pessoas investigadas, quando o trabalho de campo não aborda diretamente a cultura massiva.

Nos debates do Grupo de Estudos Mídia e Cidadania, os vários significados atribuídos aos meios, em especial à televisão, se tornaram visíveis. O debate nos motivava, a todo instante, a comparações com o folhetim da época (Paraíso Tropical, mas poderia ser qualquer outra), sobre a construção de alguns personagens (com excessiva perfeição, distantes da realidade) e sobre a glamourização da pobreza, apresentada a partir da beleza de algumas personagens e suas moradias impecáveis. Todos os antropólogos do Núcleo, presentes aos debates, tinham uma opinião crítica a respeito do folhetim do momento, todos sabiam o nome dos personagens utilizados, enfim, ninguém precisava de tradução, para saber do que estávamos falando. Uma de nossas primeiras percepções, depois desse “desabafo crítico” em relação à novela que *passava* (análise que provavelmente se dirige a qualquer uma que está no ar no momento),¹⁰ foi reconhecer a possibilidade de criticá-la de modo não estrutural. Ou seja, pode-se criticá-la não para dizer (ou supor) que ela poderia não existir, mas para entrar na trama e dizer “Eu, se fosse autor, faria de outro modo”. Com mais de 45 anos de exibição diária, a telenovela é uma senhora bem-sucedida, presente no cotidiano televisual brasileiro, sempre alimentando polêmicas, ou talvez exatamente por isso, a ponto das pessoas quase não imaginarem a programação televisiva sem ela.

Percebemos que nos comentários sobre a telenovela e sobre a televisão, às vezes usamos algumas expressões como: a novela “passa” uma realidade. Então, nos perguntamos sobre isso: consideramos que a novela é formadora de um modo de ver o mundo? Isso combina com a consideração de que as leituras da novela são múltiplas? Para responder essa questão, recorreremos à reflexão de Bourdieu sobre a diferença de capital cultural entre os diversos grupos sociais, inspirados na leitura de Leal (1986), que utiliza esse referencial para destacar essas diferenças de modo positivo, e para demonstrar que as interpretações da novela variam, não são homogêneas. Seu trabalho foi um dos precursores no campo antropológico a respeito. Ela estudou um grupo de classes populares, moradores de uma vila, e comparou sua visão sobre televisão com a visão de um grupo que ela chamou de grupo de classe dominante (classe média intelectualizada).

10. Se contarmos o tempo da telenovela diária desde a sua primeira edição, ainda na TV Excelsior em 1963. (Dados encontrados em Ortiz, Borelli e Ramos, 1989, p. 58)

Também na abordagem de Ortiz, Borelli e Ramos, no livro “Telenovela – história e produção” (1989), encontramos pistas para pensar se essa diferença de capital cultural que Bourdieu estudou na França é ou não totalmente aplicável ao Brasil: por exemplo, aqui, os folhetins franceses eram considerados de elite por chegarem impressos e em francês, num contexto em que a maioria da população era analfabeta (final do século XIX). Mas na França, os mesmos folhetins eram considerados, populares (ou vulgares), não eruditos. Eram historietas lidas no trem, por trabalhadores que usavam esse meio de transporte. Então, quando falamos em cultura e erudição, quando são criticados os meios, e apontada sua vulgarização, precisamos sempre contextualizar: em relação a que critérios as comparações estão sendo construídas. O exemplo serve para reafirmarmos que as diferenças de capital cultural não podem ser pré-supostas, precisam ser investigadas, e certamente os contextos de Brasil e França são diferentes.¹¹

No debate sobre a desvalorização que recebe a telenovela, procuramos relacioná-la a outras expressões culturais como futebol, carnaval, e nos perguntamos se ela seria a mais desvalorizada. No caso de concordarmos com esta suposição, uma das explicações poderia ser a questão da identidade nacional: a baixa auto-estima nacional no que se refere à cultura brasileira ou às características do povo brasileiro (em geral visto como incapaz, sem cultura, sem sabedoria, sem memória), não permitiria valorizar um produto como a telenovela, considerada vulgar, não erudita. Porém, algo mudou nesse debate: Daniel Etcheverry nos chamava atenção para a onipresença da “identidade nacional”, sempre acionada no contexto de interação com o “migrante estrangeiro”. Para quem chega “de fora”, torna-se um tanto imperceptível essa desvalorização da identidade nacional, que tanto debatemos.

Da década de 1980 até hoje muita coisa mudou, e o universo televisivo também atravessou mudanças significativas, além das tecnológicas. Algumas pesquisas demonstram, por exemplo, que a popularização dos aparelhos de televisão e dos dispositivos de controle remoto significou um abalo na hegemonia da rede Globo, pois este garantia a possibilidade da mudança constante de canal e abalava seu domínio absoluto anterior (Borelli e Priolli, 2000).

11. Roberta Peters destacou semelhanças com o que encontrou no trabalho de campo com os árabes: não se pode dizer que eles tenham o padrão francês como referência, os valores são outros. E, apesar da opulência financeira, a finesse suposta como própria da elite francesa está ausente. Ou talvez eles tenham outra finesse, que nossa admiração pelo padrão francês muitas vezes não permite ver.

Outros estudos demonstram que, no Brasil, há muito tempo a telenovela deixou de ser um produto exclusivamente doméstico, usado por fábricas de sabão para vender seus produtos¹² para donas de casa, que as escutavam no rádio e depois as acompanhavam pela televisão. A telenovela atravessa constantemente as barreiras entre o real e o ficcional, como demonstra Hamburger (2000) em seus estudos, interessando a parlamentares, jornalistas, e interlocutores bastante qualificados. Portanto, não por desconhecimento, mas por um estilo de supor que a televisão é importantíssima e fundamental no debate público no Brasil, a telenovela continua campeã absoluta de audiência. Mesmo com o advento da TV por assinatura ou da internet, as análises de práticas em torno da TV demonstram que mudou o modo de vê-la, mas não o hábito de vê-la: ela já não recebe uma atenção tão absorta ou concentrada, e convive com as consultas a páginas do Orkut, msn ou celular, entre outros.¹³ Mas continua quase como sinônimo de chegar ou estar em casa, simplesmente ligá-la.

Nos anos 1980, a novela era considerada um produto ideológico, operando na linha da eficácia simbólica.¹⁴ Os autores trabalhavam, na época, aproximando os conceitos de cultura e ideologia, algo só possível para quem não estava trabalhando com a definição marxista de ideologia, e sim gramsciana, ou seja, distante da perspectiva de “falseamento da realidade” e mais próxima de “visão de mundo”. Mas hoje, se a concepção de *poder hegemônico* de Gramsci ainda pode ajudar a compreender o poder da novela sobre a sociedade, sua concepção de *ideologia* já não pode ser tão aproximada da definição de cultura, pois cultura hoje é vista de modo mais amplo do que visão de mundo, e prefere-se considerar a pluralidade das expressões culturais, suas dinâmicas e re-invenções constantes.

Naquela época, os estudos comparativos sobre o modo de pessoas dos grupos populares e de classe média alta verem a novela, com destaque para a variedade de interpretações foi algo bastante inovador, quando o debate dominante na área permanecia envolvido com idéias de manipulações e engodos. Mas, na experiência atual em sala de aula, percebeu-se que algumas vezes este debate era reapropriado de modo estereotipado, para reafirmar aquilo que os alunos consideravam uma verdade: a suposta “ignorância” dos grupos populares e a “superioridade” da cultura da classe

12. As produções seriadas nos Estados Unidos recebiam o nome de *soap opera* exatamente por serem produtos financiados por fábricas de sabão, com um público-alvo bem definido: a dona de casa.

13. A respeito do convívio entre televisão e Internet, ver Fischer (2007); sobre os variados modos de vê-la no cotidiano, sem lhe dar atenção exclusiva, ver Magalhães (2008).

14. Linha de abordagem adotada por estudos precursores como o de Leal (1986).

média letrada.¹⁵ A lição, apontada igualmente por outros autores,¹⁶ é que também com nossos textos antropológicos existirão reinterpretações, e que o controle das releituras é impossível.

Consideramos positivo reconhecer essa impossibilidade do controle, pois supomos que esse reconhecimento pode nos levar pelo menos duas direções. Uma: saber que nossas interpretações não são as únicas pode ajudar a manter nossa lâmpada da modéstia e da limitação do conhecimento científico acesa. Outra: se estamos preocupados em encontrar caminhos conjuntos, inclusive o da ética, nada impede que tentemos construir algumas “comunidades de sentido” em torno de certos temas que consideramos cruciais, debatendo entre pares e com as pessoas que pesquisamos.

Se a telenovela, ou a programação televisiva não são vistas apenas como desvalorização, adentramos, com isso, num terreno diferente: a programação televisiva sai do enfoque de vulgaridade cultural e passa a ser vista de outro modo. Se a novela ou a abordagem jornalística de um tema não consensual, podem apresentar diferentes moralidades e reafirmar algumas já existentes, ou propor novas, poderão, com isso, influenciar a elaboração de políticas públicas.¹⁷ Mas existe o reconhecimento desse papel atribuído aos meios? Será que a novela, o telejornal ou a televisão em geral são vistas como tendo legitimidade para isto? Neste caso, apareceria outro significado, que se aproxima mais de um viés da “utilidade pública”, e poderíamos considerar os meios como um espaço público de debate diferente da concepção moderna.

No contexto de migrações contemporâneas, os meios, em especial a televisão, com suas telenovelas, programas de auditório e humorísticos, suas coberturas esportivas, seus filmes, suas reportagens, com seus personagens fictícios e/ou reais, oferecem ao recém-chegado uma espécie de mosaico composto de vários recortes da vida social. Com um enorme repertório de gírias, figurinos (ou falta deles) e posturas com as quais buscam seduzir o telespectador (e manter suas contas com os anunciantes e sua audiência nas alturas); com suas abordagens sobre o politicamente correto, sua dramaticidade e sua estética nada consensual, muitas vezes beirando o grotesco,

15. A respeito de estereótipos sobre outros, supostos na recepção televisiva, ver Magalhães (2008).

16. Ver, por exemplo, o artigo de Jay Ruby, *The Viewer Viewed: The Reception of Ethnographic Films*, que é um capítulo de sua obra *The Construction of the Viewer*. Intervention Press, 1995. Neste texto, a autora discute a reapropriação estereotipada de filmes etnográficos em escolas.

17. Hamburger (2005) ressalta uma mudança na telenovela, especialmente nos anos 1990, com a inserção por parte dos autores de temas considerados de utilidade pública, como foi o caso da localização de crianças desaparecidas através da exibição diária de suas fotos na novela *Explode Coração*.

totalmente criticáveis, mas mesmo assim (ou exatamente por isso), objeto infundável de comentários que perpassam a trama da vida cotidiana, os meios se oferecem ao recém-chegado de modo mais rápido e barato que qualquer *tour* a bordo de um carro alugado, barco ou trilha.

Sem os custos, conflitos ou a demora que envolvem a criação profunda de laços com os interlocutores em campo, as representações a seu respeito e do modo como vivem e se relacionam, presentes nos meios, podem se revelar uma fonte a ser utilizada na sociabilidade inicial. A televisão (e as formas de vê-la) pode ser algo iniciático para quem chega numa casa pela porta da frente para *tomar um cafézinho*, para usar uma metáfora já bem nossa conhecida no Brasil, e que instaura uma pausa, um leve ritual para o interconhecimento.

Pensando nessas práticas, na presença dos meios no cotidiano, interrogando-nos sobre os vários momentos de reunião em torno deles, é que nos propomos a refletir aqui sobre outras formas de pensar a televisão como parte da cultura, nesse início de século XXI. Não só a partir de seus conteúdos, influências e importância, mas a partir dos jogos de sociabilidade tecidos ao seu redor, nas práticas de reunir familiares, amigos, conhecidos, para ver um jornal, uma partida de futebol, uma novela, ou um filme, entre outros, e atentar para o que está acontecendo ao redor dela.

A partir de uma experiência etnográfica, não nos parece pertinente esquadrihar as modalidades dessa “escuta” através de estilos previamente classificados pelos programas de televisão. Pelo contrário, trata-se de ingressar no modo como a televisão é assistida e acaba quase de forma imperceptível, sendo incorporada como um “pano de fundo” de uma conversa. Com base nessas reflexões coletivas, apresentamos a seguir algumas cenas de trabalhos de campo realizados ao redor do mundo e suas relações com elas.¹⁸

Pilar Uriarte nos apresenta seu trabalho de campo em Ghana, e destaca a presença da televisão nas formas de lazer e sociabilidade cotidianas. Com uma descrição detalhada que nos faz entrar nas cenas que vivencia, surpreende-nos encontrando nos *filmes populares* um certo parentesco com as dramáticas telenovelas latinoamericanas, principalmente pelo modo como são apropriadas. Mas, principalmente, nos revela como certas classificações nativas se tornaram para ela mais evidentes a partir das classificações sobre *las películas*, assistindo-as em conjunto. Neste caso, ver na televisão uma

18. Os pesquisadores citados a seguir são integrantes do Núcleo de Antropologia e Cidadania do PPGAS/UFRGS, doutorandos em Antropologia Social, que realizam trabalhos de campo internacionais, estudando migrações contemporâneas.

determinada produção cultural e perceber as avaliações locais a respeito da mesma revelou-se uma preciosa porta de acesso a valores nativos, que de outra forma poderiam demorar mais tempo a serem acessados ou até mesmo permanecerem invisíveis.

Daniel Etcheverry recupera a presença da televisão em sua experiência de campo e em sua vivência, como migrante uruguaio, vivendo no Brasil desde a década de 1980 e fazendo trabalho de campo na Argentina. Ele nos expõe as preocupações políticas dos latinoamericanos a respeito da televisão, e percorre as mudanças percebidas na abordagem televisiva. As emissoras, inicialmente alinhadas e beneficiadas pelos governos ditatoriais para sua instalação e ampliação, à medida que as sociedades se democratizam vão gradativamente assumindo enfoques mais relacionados com o politicamente correto e tentando manter seus públicos.

Cenas mundiais em torno da TV

Assistindo filmes em Ghana

O antropólogo, por definição, trabalha com *os outros*, os diferentes, os que não pertencem à sua própria cultura. Essa, que é sua característica distintiva, não é exclusiva. Todas as sociedades têm formas diferentes de se aproximar das diferenças, de procurá-las, interpretá-las e entendê-las. O *outro* não é alguém diferente em si mesmo, mas aquele que é construído como alheio ao grupo. A televisão, ampliando os limites de circulação de informação e colocando sujeitos em nossas vidas que não estão diretamente vinculados ao nosso cotidiano, modifica e reconfigura os limites daqueles que consideramos como parte de *nós* e os que consideramos como *outros*.

A experiência que vou relatar faz parte de meu trabalho de campo em Ghana, que aconteceu durante os meses de maio a outubro de 2007, e serviu como base para a realização de minha tese de doutorado (agora em fase de redação). Durante o trabalho de campo senti de forma radical o fato de ser qualificada como *outro* de formas muito diferentes das esperadas. Durante esse período, assistir televisão de diferentes formas e em diferentes situações resultou numa experiência reveladora, ao deixar manifestos muitos dos elementos utilizados nas operações classificatórias realizadas pelas pessoas ao meu redor. Isso me possibilitou compreender de forma mais profunda as formas com que as pessoas se identificavam e me identificavam.

Ao trabalhar sobre a televisão no contexto da sociedade ghanesa, devemos levar em consideração que nela, os meios de comunicação de massa não têm o lugar de universalidade e onipresença que estamos acostumados a lhes outorgar. Em Ghana uma alta porcentagem da população, fundamentalmente no meio rural, não tem acesso à energia elétrica. Muitas dessas pessoas também não têm acesso a aparelhos de rádio, reprodutores de música ou lanternas que possam ser utilizadas com baterias. Em muitos casos, a possibilidade de comprar combustível para as lâmpadas é limitada, e seu uso se realiza durante poucas horas à noite. Para essa população, a televisão, a internet e o rádio não representam parte do seu cotidiano, como para nós.

Em meios urbanos, onde o serviço de energia elétrica está amplamente disseminado (mesmo que seu fornecimento não seja regular), os bens tecnológicos têm uma maior acessibilidade, mas a televisão ainda está longe de ter a centralidade à qual estamos acostumados. A divisão entre espaços domésticos e espaços públicos é muito diferente àquela das classes médias que modelam nossas imagens de convivência familiar, assim como a separação entre tempos de trabalho e lazer. Em atividades comerciais, que ocupam um importante setor da população, os horários se estendem em muitos casos até as dez da noite ou mais. Durante a tarde, e à noite, as crianças e adultos realizam tarefas domésticas, se preparando para as atividades do dia seguinte. Essas atividades se desenvolvem em muitos casos em pátios coletivos ou na via pública, já que as habitações familiares geralmente estão compostas por um ou dois quartos, com cozinha e banheiros compartilhados. Nesse contexto, o poder da televisão de centralizar as atividades familiares dentro do lar é muito diferente.

Durante cinco meses de trabalho de campo em cidades de diferentes tamanhos em Ghana, tive oportunidade de compartilhar e comentar a televisão em casas de famílias ou em grupos de amigos. Devido à particular intensidade da vida social em Ghana, e ao fato de que na minha residência não tinha televisão, “assistir TV” foi para mim inevitavelmente uma atividade social, e sempre contextualizada através dos comentários das pessoas ao redor, aprovando ou não os acontecimentos televisados, ou minhas perguntas de novata.

Essa não era uma das atividades especificamente programadas para a pesquisa, mas dentro da situação global de inserção em campo, pôde ser considerada uma das tantas situações informais que levam a compreender de forma mais ampla a sociedade em que trabalhamos. E com o tempo, iria se mostrar muito mais do que isso. Assim, a presente análise não está

baseada em uma pesquisa exaustiva ou sistemática dos usos da televisão em Ghana, mas em minhas percepções subjetivas como “televidente” em um contexto de estranhamento. Compartilhar filmes locais e estrangeiros em campo me proporcionou uma oportunidade fundamental para entender a forma como certas categorias eram construídas, não de forma passiva, e sim em diálogo com esses filmes. Mas, fundamentalmente, de uma perspectiva muito diferente daquela com que eu estava organizando as minhas próprias categorias.

Reality shows, jornais informativos e filmes dominam a programação televisiva durante as horas da tarde e a noite, quando as pessoas se reúnem em torno da televisão. Diferentes dos dois primeiros, que são majoritariamente de produção nacional, os filmes apresentam várias origens, com produções realizadas em Ghana, Nigéria, Índia, China e Estados Unidos. Além de serem emitidos pela televisão, podem ser comprados em CD ou DVD, por menos de um dólar por cópia, de vendedores que se encontram aos lados das grandes avenidas e mercados ao ar livre, tanto em cidades quanto em pequenos povoados.

Durante os fins de semana, depois da igreja, quando as pessoas costumam se visitar, assistir filmes é um dos principais entretenimentos. A possibilidade de comprar os filmes dá uma maior liberdade de escolha em relação à televisão. Nas decisões que eu presenciei, os filmes africanos tiveram uma ampla preferência.

Um domingo, de visita em casa de Grace e Mike, depois de ter tomado café da manhã e conversado durante um tempo, Mike nos propõe assistir um pouco de televisão. A casa de dois dormitórios, onde vive o casal e sua filha de dois anos, mais a tia materna, é uma das mais amplas que já visite, e conta com boas instalações: fogão a gás, geladeira, televisão, aparelho de música e reproduzidor de DVD. Mike nos mostra quatro discos e começamos a discutir qual assistiremos. Não tem filmes de Obrunis, e William parece desanimado, já que são seus preferidos. Os demais preferem os filmes locais, que –seguindo seus critérios de classificação– eu poderia denominar como “filmes de Obibinis”.

Obruni em twi pode ser traduzido como “pessoa branca” e é sinônimo de estrangeiro no sentido de *não africano*. É ao mesmo tempo uma categoria racial, já que refere diretamente à cor da pele, e uma categoria identitária. Em uma população praticamente negra, a pele branca remete a uma origem não africana, associada a uma posição de prestígio e boas condições econômicas. O termo *obruni* pode ser utilizado de formas diferentes que vão do respeito à burla, e é a primeira palavra que um estrangeiro aprende

pelos gritos das crianças e adultos, que insistentemente gritam ao ver um branco passar. O termo oposto e complementar que denomina as pessoas negras é *obibini*, e me foi ensinado por alguns dos amigos locais, como uma forma de responder a esses chamados quando eles me resultassem desconfortáveis.

Essa divisão, construída na base da aparência física, mas que condensa, muito mais do que isso, a separação entre dois mundos por vezes irreconciliáveis, reflete também na forma de assistir TV. As formas de contacto com pessoas ou manifestações culturais provenientes de fora África Ocidental não são muito frequentes. Sem considerar a escola onde eu estava alojada, que periodicamente recebe voluntários —e que estão, portanto, acostumados a tratar com *obrunis*— para muitas das pessoas ao meu redor eu era a primeira branca com quem tinham contato, já que exceto em âmbitos particulares, como o turismo, as grandes companhias, ou os centros de cooperação e voluntariado, a presença de brancos é praticamente inexistente. Nesse contexto, música, futebol e filmes podem ser consideradas como as produções culturais estrangeiras de maior circulação e principais fontes de informação sobre os *outros* que representam a cultura ocidental. Assim como as pessoas, os filmes são divididos em categorias raciais e identitárias, mas ao contrário do que se poderia supor, essas últimas oferecem muito mais informação sobre os outros e sobre si mesmos do que o contato pessoal direto. Como afirmei, para muitas pessoas eu era “a primeira *obruni*” que eles conheciam em carne e osso. Mas, apesar disso, todas elas tinham uma noção bem formada de como seriam os *obruni*, construída tanto através de migrantes retornados, como da televisão.

Minha primeira experiência como telespectadora não foi nada gratificante. A falta de socialização nesse tipo de produtos dificultou muito minha compreensão, não da trama, mas sim de muitas das mensagens transmitidas durante a narração da história. No começo, os argumentos me pareciam simplórios e repetitivos, as atuações e caracterizações nem um pouco rebuscadas e tecnicamente pobres. Em poucas palavras, filmes de baixa qualidade técnica e artística. A distância entre os filmes e eu resultava em minha falta de motivação para assisti-las como entretenimento, além da curiosidade etnográfica.

Essa visão crítica contrastava com o entusiasmo de meus amigos, que repetidas vezes propunham ver filmes, e os discutiam com cuidadosamente qual seria a mais apropriada. A repetição dessa experiência, assistindo filmes em diferentes ambientes e com diferentes pessoas não mudou minhas

considerações sobre as características técnicas dessas produções, porém me ensinou a observar de forma muito mais sutil as diferenças ocultas debaixo de estruturas narrativas aparentemente similares.

O debate produzido em torno à melhor escolha para assistir me levou a observar as diferenças entre minha avaliação dos filmes e as avaliações locais. Enquanto que para mim todos os filmes locais pareciam ser os mesmos, com atores repetidos e estruturas narrativas praticamente idênticas, apresentavam para os assistentes locais uma diversidade de sutilezas, atitudes e elementos que eu não conseguia perceber.

De outro lado, as diferenças quase irreconciliáveis que eu observava entre os filmes que essas pessoas denominavam univocamente como filmes de “obrunis” me despertava um grande desconforto. Para eles parecia simples organizá-los como um grupo homogêneo de filmes em contraposição aos filmes africanos. Neles, muito menos do que a estrutura narrativa importava o desenlace final e a mensagem comunicada. Muito mais que as características técnicas e de realização, os elementos enfatizados nesses filmes referem a atitudes, escolhas e outros elementos da vida cotidiana e das “tradições africanas” presente e identificáveis.

Em qualquer caso, se eu estava longe de entender o significado local, e, portanto, de entrar no entretenimento, muito mais longe eu estava de me identificar dentro da mesma categoria na qual esses filmes estavam sendo colocados.

A diferenciação entre produções locais e estrangeiras remete a muito mais do que à origem. A estrutura narrativa, o uso dessas estruturas e a similitude entre elas, nas produções locais, eram muito diferentes do que estamos acostumados a entender por cinema, aproximando-se do esquema da telenovela romântica, que goza de tanta popularidade na América Latina. Trata-se em geral de triângulos amorosos em que a moça boa, apaixonada por um homem inteligente, porém crédulo, se confronta com uma rival cheia de maldade, e em muitos casos as famílias de ambas também são implicadas. O desenvolvimento da história pode ser variado, mas sempre envolve uma situação de amor separado –ou nunca realizado– que através dos diferentes sucessos vai superando obstáculos, por vezes absurdos –para acabar com êxito.

As histórias transcorrem em dois cenários bem delimitados, dos quais dependem as características dos personagens e o tipo de enredo. Em âmbitos rurais, os personagens se comportam de acordo com as tradições, vestem-se no estilo africano, casam segundo as regras de parentesco e as indicações familiares. Na trama estão envolvidos chefes de aldeia ou outros tipos de autoridades tradicionais, com famílias de camponeses. No meio urbano, as histórias geralmente envolvem famílias de classe alta, misturadas com

famílias pobres e trabalhadoras. Em muitos casos, se incorporam histórias de migrações com pessoas que retornam ou ainda se encontram no exterior, e que tentam retomar a vida deixada no país de origem.

Se o amor é um valor envolvido em ambos os contextos, a resolução dos conflitos muda de forma radical para cada um deles. No âmbito rural, onde as histórias se enquadram no uso das tradições, a resolução se processa a partir de seu uso correto, enquanto que no meio urbano, as relações –que já não estão regidas pelas tradições– se resolvem a partir dos elementos clássicos das histórias românticas em um contexto em que as vinculações com o exterior e o consumo são peças fundamentais.

Dentro desse esquema simples que estou desenhando, se escondem infinitas sutilezas que referem à forma em que as diferentes situações se desenham. Essas resoluções ilustram diferentes conflitos sociais nos quais uma série de valores são postos em jogo, questionados de forma crítica e reelaborados.

Em oposição a essas histórias se colocam os *filmes de obrunis*, que desde minha perspectiva inicial eram muito mais diversos em procedência, gênero e estilo. Existem filmes de artes marciais e geralmente da China, musicais românticos originários da Índia, películas de espionagem de baixa qualidade originárias de América do Norte (e muitas vezes ambientadas em “países exóticos”), filmes de ciência e ficção, entre outros. Outros tipos de histórias românticas incorporam cenas de amor e sexo muito mais explícitas do que os filmes locais. Por exemplo, incluindo beijos e mãos dadas, que não são expressões públicas facilmente aceitas na sociedade ghanesa. Desde a perspectiva dos espectadores locais, esses filmes eram considerados como mais violentos ou moralmente menos apropriados, mas principalmente incompreensíveis e pouco interessantes.

Enquanto espectadores provenientes de diferentes culturas, nossa percepção das produções televisivas às quais tínhamos acesso era muito diferente. Sendo de fora, eu não possuía os conhecimentos necessários para ver e entender a televisão da mesma forma que meus amigos locais. Minha primeira carência estava referida ao manejo de códigos estéticos e artísticos para ingressar no mundo que esses filmes estavam apresentando. Em segundo lugar, não compartilhava os mesmos critérios de classificação que estavam sendo operados por eles, dentro dos quais as produções locais resultavam significativas. Ao contrário, todo o resto, que era entendido pelos locais como *de obrunis*, era homogeneizado, retirando qualquer significação das diferenças internas, que eu percebia.

Posicionadas na África, as pessoas que eu observava e acompanhava escolhendo filmes delimitavam suas categorias de identificação a partir do eixo *africanos-obrunis*, entendendo por *obrunis*, não os brancos ou ocidentais como eu os entendia, e sim como estrangeiros ou não-africanos. A categoria *obruni*, entendida como *o outro*, agrupava valores e tradições diferentes daquelas identificadas como africanas. Em contraposição, o *nós* era definido em formas variáveis por critérios geográficos de nação ou região: *ganeses, africanos ou west-africans*, e não projetados por características físicas, e sim em diferenças culturais.

Essas diferenças culturais, e não raciais ou nacionais, podem ser muito mais facilmente observáveis a partir de expressões artísticas e comunicativas, como a televisão. Nelas, o local-africano é contraposto ao estrangeiro, deixando de manifesto que as categorias de *nós* e *eles* se organizam dando centralidade aos valores próprios. Através desses filmes pude observar uma construção identitária a partir de códigos culturais, estéticos e morais diferenciados, e entendidos como próprios e válidos, que se reflete em um estilo muito particular de fazer cinema.

Dessa forma, o processo de assistir até entender a televisão teve uma função fundamental para compreender de forma mais profunda, tanto a sociedade à qual eu pretendia me adaptar, mas através da informação contida nas mensagens televisivas, minha posição em relação a ela. De forma mais radical, me permitiu acessar um tipo muito diferente de construção das diferenças, em que a origem européia associada à idéia de ocidente não era o eixo central para a diferença entre o *eles* e o *nós*.

Migrações e mídia:

a mediação do encontro com a sociedade de acolhida.

Nas páginas que seguem procurarei observar a interseção entre os campos das migrações contemporâneas e do papel adjudicado aos meios de comunicação de massa enquanto possibilitadores de um encontro com a sociedade de recepção. Terei como base minha própria vivência de migrante estrangeiro no Brasil e minhas observações de pesquisa de campo junto a migrantes no Brasil e na Argentina. Portanto, os parágrafos que seguem combinam uma narrativa autobiográfica às reflexões sobre as vivências narradas pelos sujeitos de pesquisa, inseridas no contexto político e social brasileiro a partir do início da década de 1990.

Como imigrante estrangeiro no Brasil no fim da década de 1980 e como estudioso do fenômeno migratório, realizando meus estudos de doutorado em antropologia, posso dizer que os meios de comunicação de massa, a televisão especialmente, constituem uma das lentes através da qual é possível refletir sobre como se vive e pensa na sociedade de acolhida. O trabalho de campo com migrantes estrangeiros de faixas etárias e percursos migratórios diversos no Brasil e na Argentina comparativamente, tem revelado uma variedade de formas de perceber esse encontro com o nacional e o local, no que diz respeito ao papel e valor adjudicado aos meios de comunicação de massa.

Entretanto, escolher observar a nova sociedade também através dessa lenta não é uma opção livre de conflitos. As mídias de massa eram e continuam a ser tachadas de formadoras de opinião, portadoras de um poder de dominação do qual somente uma consciência política aguçada podia nos defender. Era necessário então manter-se vigilante; saber do perigo de alienação que pairava no ar, estar cientes de que qualquer contato desatento com a mídia invasiva nos induziria a uma visão equívoca sobre esse outro que estava começando a se configurar. Os elementos intelectuais com os quais seriam capazes de contornar essa ameaça eram formados na convivência com pessoas e grupos de pessoas ‘esclarecidas’, que traziam em sua bagagem um histórico de luta semi-clandestina, não declarada, porém atuante e constante, contra os governos ditatoriais nacionais, que por sua vez tinham nos meios de comunicação de massa um poderoso aliado. As táticas discursivas usadas para enfrentar essa ubiqüidade do Estado, à qual se referia como a representação local do poder capitalista centrado nos Estados Unidos e com o qual a mídia de massa local contribuía enquanto agente de alienação do ‘povo’, eram exibidas como troféus individuais e

coletivos, transmitidas e adquiridas informalmente. Nessa (con)vivência, aprendia-se, então, a driblar as armadilhas dos mal intencionados meios de comunicação. A seleção dos programas de televisão e a leitura que deles se fazia exigiam, então, uma vigilância redobrada, sob pena de ser tachado de ‘alienado’, e, conseqüentemente, de deixar de pertencer ao coletivo de pessoas ‘esclarecidas’.

Tal era o constrangimento social que pesava sobre os sujeitos. Massa de manobra nas mãos de sistemas políticos e econômicos totalizantes por um lado, objetos de um discurso que pretendia moldar suas manifestações de rechaço a esses sistemas totalizantes pelo outro.

Tais circuitos de sujeitos capazes de pensamento crítico, que se destacavam do resto da população por serem capazes de separar o escasso trigo que felizmente havia conseguido se infiltrar no meio do joio que a TV “despejava” sobre a população em geral,¹⁹ achavam seus correlatos a ambos os lados das fronteiras nacionais. Neste ponto é preciso afirmar que o trabalho de campo tem me revelado que questões políticas estão presentes na grande maioria das narrativas dos sujeitos migrantes, contrariando a representação de migrante como alguém pouco interessado pela política local.²⁰ No que diz respeito a minha experiência pessoal, vivências de deslocamento anteriores à chegada ao Brasil me tranquilizavam; sabia que era apenas necessário ter os contatos e a persistência necessários, ou um ouvido finamente sintonizado, para encontrar um membro dessa confraria que me ajudaria encontrar meu lugar de pertença dentro da imensidão e o anonimato que a sociedade brasileira representa para quem a vê de fora. No contato com desconhecidos, fazer uma crítica descuidada aos meios de comunicação supostamente renderia mais do que uma conversa passageira. Era uma forma de se apresentar e mapear o mundo do interlocutor; presumia-se que detrás de uma posição crítica aos meios de comunicação de massa havia uma série de reflexões sobre questões políticas e sociais afinadas a um discurso político já conhecido.

Entretanto, as coisas resultaram não ser tão simples. Era o início da década de 90, e o Brasil se apresentava como um universo desafiante em mutação. Aquele inimigo do povo que era a televisão apresentava, cada vez com mais clareza, uma outra cara. A programação começava apresentar os sintomas de uma mudança de perspectiva, podendo-se entrever uma mistura de posturas frente ao público assistente. Parecia que, junto à sua imagem

19. Magalhães (2008) analisa a visão destas pessoas de uma perspectiva de classe.

20. “L’immigration ou les paradoxes de l’alterité”, de Abdelmalek Sayad (2006) traz um interessante reflexão sobre a construção da figura do migrante enquanto desinteressado por questões políticas.

de agente alienador, a televisão pretendia mostrar-se capaz de informar e esclarecer. As telenovelas e alguns programas jornalísticos destacavam-se do resto da programação por estarem incluindo em suas tramas e mensagens uma crítica cada vez menos tímida ao preconceito, à corrupção política e até à desigualdade social. O termo ‘politicamente correto’ aparece como uma nova categoria para pensar tanto o social quanto o individual e cotidiano. Até pouco antes, e do outro lado da fronteira, as pessoas podiam ser ou não ‘esclarecidas’. No novo contexto, o ‘politicamente correto’ não estava atrelado às pessoas nem aos grupos necessariamente, sino ao que era dito e feito, a uma ética. Alguns, embora não muitos programas de televisão, passam a ser identificados por adotar esse discurso de forma mais ostensiva.

Entretanto, isso não acontecia por acaso; o Brasil entrava em consonância, e a um ritmo consideravelmente acelerado, com um discurso sobre Direitos Humanos, ética na política, direitos e responsabilidades do cidadão e participação cidadã que, de alguma forma, o aproximavam de algumas nações e o afastavam de outras. As organizações da sociedade civil se espalharam pelo país abrangendo inúmeras formas da vida em sociedade, competindo com as formas mais tradicionais de associação como os sindicatos de trabalhadores. Nesse contexto, os meios de comunicação de massa, a TV especialmente, viram-se na necessidade, não apenas de abrir algum espaço para esses novos agentes sociais nos intervalos de suas programações, mas também, e principalmente, de adotar novas formas discursivas. De formadores de opinião passavam então a participar na formação do *ethos* de uma nação. Uma nação que ostentava haver conseguido fazer o impeachment de um presidente corrupto, que se passava a se ver multiétnica, que se pensava emergindo econômica e socialmente, que procurava preservar seu meio ambiente. Não era mais um estado totalizante entrando nas unidades domésticas através da televisão. Um outro conceito despontava e era ouvido também nas vozes de comentaristas jornalísticos “a classe media formadora de opinião”. Paradoxalmente, a mesma classe media que, como aponta Magalhães, conseguia se definir como tal pela relutância a ver-se refletida nos alvos da programação televisiva. Era nesse tira lá dá cá entre profissionais liberais e empreendedores e os grandes meios de comunicação de massa que o país iria se perfilar nos moldes de um país emergente. Sob a égide do discurso do politicamente correto, o Brasil assinava acordos de proteção ao meio ambiente, propunha-se acabar com a pobreza e entrava par o grupo dos 20.

Logicamente não podemos falar de todas as cadeias televisivas homogeneamente, como se todas houvessem tido posturas semelhantes. Principalmente a Rede Globo e a Rede Record criada posteriormente, foram desde cedo perspicazes o suficiente para saber que alinhar-se a esse novo discurso sobre o Brasil era a forma de garantir a liderança de audiência. Lembrando Foucault, “... a história desde sempre o ensinou – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo pelo qual e com o qual se luta, é o próprio poder de que procuramos assenhorear-nos” (Foucault, 1998).

Porém, diferentemente dos discursos sobre a loucura, a política ou a sexualidade, o discurso do politicamente correto tem múltiplas frentes; ele abrange questões sobre o meio ambiente, diversidade cultural e étnica, justiça social, política, entre outras. E cada uma dessas frentes leva às outras, podendo assim estabelecer uma certa unidade, uma certa harmonia entre as partes. Seria difícil pensar na possibilidade de adotar apenas uma dessas frentes sem perceber o quanto essa totalidade é impositiva e questioná-la nos termos de um discurso abrangente. Daí a necessidade de controlá-lo, de mantê-lo asséptico. Lembrando novamente Foucault, “... em toda a sociedade a produção do discurso é simultaneamente controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um certo número de procedimentos que têm por papel exorcizar-lhe os poderes e os perigos, refrear-lhe o acontecimento aleatório, disfarçar a sua pesada, temível materialidade” (Foucault, 1998).

Mas é também, na própria natureza desse discurso do politicamente correto que reside seu forte caráter totalizante. Quando se falava em “consciência política”, ou se assumiam posturas políticas específicas, podia-se ou não concordar com elas. Quem iria, hoje em dia e racionalmente, se opor a um discurso que só procura o bem da humanidade ou a preservação do meio ambiente sem antes percebê-lo como uma criação historicamente datada com agentes e interesses desconhecidos por trás?

Já para quem esperava encontrar no Brasil as mesmas categorias para entender a sociedade de acolhida que sabia certas nos outros países da América do Sul, aceitar que os meios de comunicação de massa podiam não ser somente os verdugos do pensamento crítico que nada tinham a ver com as vivências da população significava, no mínimo, admitir a coexistência de várias formas de fazer e ver televisão. Essa nova totalidade discursiva que se formava na década de 1990 representava –da perspectiva das migrações dos países da América do Sul ao Brasil– o aprofundamento das rupturas associadas ao deslocamento. Isso porque essas mudanças foram

incorporadas nos outros países de formas e em ritmos muito diversos da forma como aconteceram no Brasil e porque as maneiras como o Brasil era representado não haviam mudado ou estavam apenas começando a fazê-lo.²¹ Em primeiro lugar, o imigrante já não encontra(va) mais o Brasil exótico e despreocupado que lhe fora apresentado em casa. Em segundo, essa nova totalidade discursiva, essa nova ética, passava rapidamente dos meios de comunicação de massa às bocas de muitos. Compreender a sociedade de acolhida e buscar um lugar nela implicavam um repensar das estratégias de comunicação e de associação, fazer novos questionamentos, aprender a escutar detrás das palavras e ler nas entrelinhas da nova narrativa que o Brasil começava a escrever sobre si mesmo.

Com o passar do tempo, o Brasil foi ganhando um lugar de destaque diferente ao anterior nos países vizinhos. A eleição e reeleição do presidente Lula principalmente colocou o Brasil no patamar de uma sociedade que mudava para melhor. No meu atual trabalho de campo junto a imigrantes latino-americanos na Argentina, tenho escutado tanto dos próprios imigrantes quanto de nacionais, no meio acadêmico e fora dele e, até nos meios de comunicação de massa, inúmeros elogios às políticas sociais e educacionais do Brasil e à participação da sociedade brasileira. Esse tipo de discurso sobre o Brasil por parte de seus vizinhos do sul era impensável, duas décadas atrás.

Resta então observar com profundidade como os atuais imigrantes e potenciais imigrantes ao Brasil se relacionam com esse novo ethos nacional, em que medida ele é percebido enquanto uma totalidade discursiva capaz de criar uma realidade.

21. A obra “Argentinos e Brasileiros: Encontros, Imagens e Estereótipos”, de Ribeiro e Frigerio narra a construção das representações do Brasil na Argentina e vice-versa.

Conclusões

Os relatos de Pilar sobre sua participação no campo nos remetem à dialética pesquisador-pesquisado. Quem é que está sendo observado? Como observa James Clifford, em *Itinerários transculturales*, ao pensar em *pesquisa de campo* pensamos em *deslocamento*. As narrativas de Uriarte nos apontam também para o deslocamento inverso, no qual os pesquisados constroem também um ‘outro’, a quem devem conhecer para falar sobre sua cultura. Mesmo quando esse “outro” que é o pesquisador vem com uma carga semântica embutida —é branca, ou seja, não africana, e tudo que pode ser associado a isso— a construção do ‘sujeito pesquisador’ implica um deslocamento e a necessidade de pensar a própria cultura de forma que possa ser transmitida. Daí que todo encontro etnográfico é necessariamente dialético.

No texto de Daniel, mais do que pensar na invisibilidade de uma desvalorização da identidade nacional, o que se percebe é uma presença constante de um superego mediático tentando dizer como o brasileiro “é”. Nenhuma sociedade fala de si como ela é, mas como ela se pensa, se sonha ou se imagina. Parece que a insistência em veicular um “novo brasileiro” estaria sempre dizendo que não somos tão bons como deveríamos ser. De uma certa forma, estamos novamente reafirmando velhas hierarquias transnacionais.

Afirmar a variabilidade de leituras e re-apropriações dos produtos culturais televisivos nos anos 1980 foi o grande mote da antropologia para os estudos de comunicação. Nesse início de século XXI, podemos reafirmar a pluralidade de interpretações, mas também atentar para os usos que as pessoas fazem dos meios no cotidiano. Ao que parece, quando há referência a um “outro” em abstrato, e seus modos de ver TV, em geral ele aparece envolvido em processos alienantes de comunicação, ou em quadros de “falta de cultura”. Mas quando nos voltamos para os usos cotidianos que as pessoas fazem das tecnologias, essas idéias de falta de cultura parecem perder o sentido. Estamos vivendo uma transformação das formas de nos comunicarmos, mas também uma transformação nas formas com que consideramos as culturas, que se mostram muito mais móveis e criativas do que as pensávamos.

As pesquisas demonstram também que não existe interpretação exclusivamente individual sobre o que se vê na TV, pois mesmo quando ela é vista individualmente, existe uma prática coletiva de avaliar – ver e criticar a TV, em outros momentos diferentes daquele de assisti-la. Percebe-se que a

televisão também pode servir como *metáfora* para falar de relações pessoais, falando de personagens que todos conhecem e construindo territórios de moralidade compartilhados, com pessoas próximas e até com quem não se tem muito contato (Magalhães, 2008).

Parece que no início do século XXI, ainda se *pensa* sobre televisão de modo muito semelhante ao período de seu surgimento, mas as *práticas e usos* da televisão já se aproximam dos usos de internet, celular, *msn*, que se fazem de modo intenso e invertem o debate. Já não se questiona sobre a importância de compreender a cultura ou as culturas dos grupos para entender as formas de comunicação, mas se afirma que é impossível entender a cultura contemporânea sem considerar as novas formas de comunicação, como destaca uma das pesquisadoras especialistas nesse debate, Nilda Jacks (2008).

Não podemos mais supor que os meios de comunicação retirem a interação social, impedem o diálogo, ou alienam e massificam a cultura, entendida de modo fixo. Compreender a mídia num contexto de aceleração dos processos de globalização significa reconhecer que as sociedades e culturas são dinâmicas, e que os novos modos dos sujeitos se comunicarem estão integrando as novas formas de construção cultural.

Podemos considerar que as variadas mídias podem ser valiosas portas de acesso ao modo como as pessoas se relacionam e constroem valores no mundo globalizado do século XXI. Pode-se afirmar também que a mídia opera como uma “caixa de ressonância” das múltiplas formas de construção da diferença e da desigualdade social, as quais merecem ser estudadas em sua complexidade (Magalhães e Caggiano, 2008). Hoje não se trata de afirmar que essas têm só um caminho, de imposição dos meios sobre a sociedade. Precisamos refletir sobre o modo como se complexificaram as maneiras de legitimar ou deslegitimar padrões sociais, modos de vida, e por consequência, maneiras de criar ou não estereótipos, que não são exclusividade da mídia.

A jornada empreendida aqui, de revisitar diários de campo atentando para a presença da televisão no contexto de sociabilidade em campo, em que se busca a construção de um diálogo cujo objetivo é a compreensão, parece-nos que mais do que nunca está na ordem do dia para o campo antropológico refletir sobre os modos como está concebendo a comunicação humana hoje. Geertz continua inspirador à reflexão, quando afirma que o objetivo da antropologia é “o alargamento do universo do discurso humano” (1978, p. 24).

No contexto migratório, em que o trabalho de campo revela mais do que nunca sua dramaticidade de vivência na própria pele das situações que se pretende observar, em que a experiência se funde com aquilo que racionalmente se pretende analisar, e as *representações* precisam ser complementadas com as *percepções* para fazer sentido, consideramos que esta incursão pelos significados assistidos, compartilhados, confrontados diante da televisão é parte importante a considerar em nosso trabalho de campo. Fica o desafio de tentar perceber em que outros contextos de campo a televisão está presente e nós, como especialistas em cultura, a estamos tornando invisível nas práticas diárias de nossos interlocutores em campo.

Bibliografia

- Borelli, S. e Priolli, G. (2000). *A Deusa Ferida: por que a Rede Globo não é mais a campeã absoluta de audiência*. São Paulo, Summus.
- Caggiano, S. e Magalhães, N. (2008). “Processos imaginários de vivência das diferenças diante e através da televisão”, in: *GT 23 – Diferenças e desigualdades na mídia: um olhar antropológico*. Coordenação Isabel Travancas e Nara Magalhães, 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia. Porto Seguro, Bahia, junho.
- Clifford, J. (1999). *Itinerários Transculturales*. Barcelona, España: Ed. Gedisa.
- Fischer, R. M. B. (2007). “Mídias, máquinas de imagens e práticas pedagógicas”, in: *Revista Brasileira de Educação*, v. 12, no.35. Rio de Janeiro: Maio/Ago.
- Foucault, M. (1998). “A ordem do discurso”. São Paulo. Loyola.
- Frigerio, A, e Lins Ribeiro, G. (2002). *Argentinos e brasileiros. Encontros, imagens e estereótipos*. Petrópolis, Editora Vozes.
- Geertz, C. (1978). *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Geertz, C. (1999). “Os usos da diversidade”, in: *Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre, Ano 5, no. 10, pp. 13-34, maio.
- Hamburger, E. (2005). *O Brasil Antenado – a sociedade da novela*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar.
- Hamburger, E. (2000). “Política e Novela”, in: Bucci, Eugênio. *A TV aos 50 – criticando a televisão brasileira no seu cinqüentenário*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, (pp. 25-47).
- Jacks, N. (2008). “Repensando os estudos de recepção: dois mapas para orientar o debate”, in: *Revista Ilha, Dossiê Temático: Mídias em múltiplas perspectivas* (no prelo).

- Jacks, N. e Escosteguy, A. C. (2005). *Comunicação e recepção*. São Paulo: Hacker Editores.
- Jardim, D. e Magalhães, N. (2007). “Imigração palestina e televisão: perigos e invisibilidades no trabalho antropológico”, in: *Seminário Temático: Imigração como perigo: velhas questões, novos desafios*, coordenação Oswaldo M. S. Truzzi e Rossana R. Reis. Reunião Anual ANPOCS, Caxambu, MG, outubro .
- Kaplan, E. A. (1983). *Regarding Television. Critical Approaches. An Anthology*. Los Angeles, California: University Publications of America, the American Film Institute Monograph Series.
- Kuper, A. (2002). *Cultura: a visão dos antropólogos*. São Paulo: EDUSC.
- Leal, O. F. (1986). *A Leitura Social da Novela das Oito*. Petrópolis, Vozes.
- Lopes, M. I de (1998). “Mediações na Recepção: um estudo brasileiro dentro das tendências internacionais”, in: GT Mídia e Recepção. VII COMPÓS, junho.
- Magalhães, N. (2008). *Eu vi um Brasil na TV: televisão e cultura em perspectivas antropológicas*. Santa Maria: Ed. da UFSM.
- Ortiz, R.; Borelli, S. e Ramos, J. M. (1989). *Telenovela, História e Produção*. São Paulo, Brasiliense.
- Ruby, J. (1995). “The Viewer Viewed: The Reception of Ethnographic Films”, in: *The construction of the Viewer*. Intervention Press.
- Sahlins, M. O. (1997). “ ‘Pessimismo Sentimental’ e a Experiência Etnográfica: por que a cultura não é um objeto em via de extinção”. (Parte II). *Mana* 3 (2), pp. 103-150.
- Sayad, A. (2006). *L’immigration ou les paradoxes de l’altérité: l’illusion du provisoire*. Éditions Raisons D’Agir.

Recibido: 31 de mayo de 2009 Aprobado: 11 de diciembre de 2009